

Jornalismo esportivo: experiências da mulher-jornalista¹

Marcelo Ribeiro Tavares ²

Frederico Braidá³

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Resumo

A inserção da mulher no jornalismo tem aumentado bastante nas últimas décadas, mas ainda de forma segmentada. Portanto, pergunta-se: como tem se dado a participação da mulher no jornalismo esportivo? O objetivo deste trabalho é sintetizar discussões a partir de evento online “Mulheres ‘na rede’ #2: jornalismo, mulher e esporte”, realizado em 9 de junho de 2025. A metodologia da pesquisa que deu suporte ao evento caracteriza-se por uma abordagem qualitativa e exploratória, com base em revisão de literatura, entrevistas e de *lives*. Conclui-se que o jornalismo esportivo realizado por mulheres começou a se afirmar na mesma época em que o voleibol feminino ganhava espaço no cenário esportivo e na sociedade. Dos anos 1980 para cá o jornalismo esportivo tem se mostrado mais inclusivo e diverso, mas ainda é um campo desafiador para a mulher.

Palavra-chave: mulher; jornalismo; jornalismo esportivo.

Introdução

O campo de trabalho e atuação para a mulher no jornalismo sempre foi marcado por desafios que são inerentes a outras profissões, uma vez que o ingresso da mulher no mercado de trabalho se deu após profundas modificações sociais a partir da Revolução Industrial no século 18. Para Coelho (2003), o próprio campo como um todo custa a se organizar, com avanços mais notórios, em geral, no século 20.

A relação da mulher com o esporte também data dessa época, desde quando houve a imposição de sua participação em muitas modalidades olímpicas (Simões, 2003), até hoje, quando se discute formas mais equânimes com os homens no ingresso a postos de comando ou em relação à equiparação salarial (Romariz, 2010).

Pensar o desenvolvimento do jornalismo esportivo é rememorar marcos históricos importantes, como o voleibol ajuda a situar. A geração dos anos 1980, tanto masculina

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM - UFJF) e bolsista de Pós-doutorado Júnior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PDJ/CNPq), marcelo.tavares@estudante.ufjf.br.

³ Orientador da pesquisa. Professor Associado do Departamento de Projeto, Representação e Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo; Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutor em Design; líder do Grupo de Pesquisa Leaud - Laboratório de Estudos das Linguagens e Expressões na Arquitetura, no Urbanismo e no Design. E-mail: frederico.braidá@ufjf.br.

quanto feminina (Tavares; Mourão, 2024), impulsionou a prática do esporte como abriu espaço na mídia até então bastante enfatizada pelo futebol. Das poucas notas em jornais impressos aos dias de hoje, com forte presença das redes sociais, os canais para veiculação de notícias também são diversificados e abrem espaço no mercado de trabalho.

Com o objetivo de coletar a experiência de jornalistas-mulheres atuantes no campo esportivo desde os anos 1980, organizou-se um evento *online* com três entrevistadas. Essa ação integra uma pesquisa de pós-doutoramento que estuda os uniformes do voleibol feminino utilizados pelas atletas nos Jogos Olímpicos (Tavares; De Paula, 2023; Tavares; Braidá, 2024a, 2024b).

Como questão norteadora do evento que foi realizado, questiona-se: como foi e tem sido a participação da mulher no jornalismo esportivo? O objetivo principal deste artigo é sintetizar as questões que foram elaboradas e surgindo durante o evento como forma de registrar e singularizar a experiência do jornalismo esportivo realizado por mulheres, desde os anos 1980 aos dias atuais, uma vez que nossas entrevistadas continuam atuantes no campo do jornalismo.

Metodologia

A pesquisa que dá suporte conceitual ao evento realizado é básica, exploratória e qualitativa, e se apoia em estudos de gênero na atualidade para compreender os aspectos semióticos e midiáticos dos uniformes usados pela seleção feminina de voleibol de quadra em Jogos Olímpicos (JO), entre 1980 e 2024. Para tal, têm sido realizadas entrevistas semiestruturadas com atletas e ex-atletas, jornalistas e estilistas relacionadas ao tema dos uniformes e/ou do campo esportivo, com aprovação do projeto na Plataforma Brasil, registrado sob o número 4.995.260.

Por meio de uma rede de contatos que vem sendo formada nos últimos anos organizamos um evento *online* voltado para a compreensão da participação feminina no jornalismo esportivo pelo canal da plataforma YouTube do Programa de Pós-graduação em Comunicação onde o estágio pós-doutoral vem sendo realizado (PPGCOM/UFJF). O evento teve uma duração de 1h41min e tem acesso livre (ver: <https://www.youtube.com/live/QeJMsKiTnLc>).

Foram convidadas três jornalistas com experiência distintiva na área:

a) Denise Mirás, jornalista, trabalhou por 26 anos na editoria de esportes do *Jornal da Tarde* (1980-2006), colaborando eventualmente também em matérias sobre

esporte. A jornalista já havia nos concedido entrevista para a pesquisa, realizada em 17 de janeiro de 2023, com a duração total de 45 minutos;

b) Ester Lima, jornalista e ex-atleta da seleção feminina de voleibol (1972-1975). Repórter dos jornais *O Globo*, *JB*, *SporTV*, tendo realizado a cobertura dos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996, pelo COB) e Sydney (2000, pela CBV) e atuado como redatora e chefe de Comunicação da CBV (1997-2002). A jornalista também já havia concedido entrevista para a pesquisa, realizada em 10 de janeiro de 2023, com a duração total de 40 minutos;

c) Lica Oliveira, jornalista e atriz, editora de jornalismo e rádio-atriz da Rádio Tupi FM. Trabalhou como roteirista e apresentadora da MultiRio. Apresentou o programa *Esporte Espetacular*, da TV Globo, e foi atleta de voleibol, tendo participado dos Jogos Olímpicos de 1984 em Los Angeles e de 1988 em Seul. A jornalista tem participação importante em outras ações acadêmicas já desenvolvidas (Tavares e Mourão, 2016 e 2024; Tavares e Pereira, 2019), concedeu uma entrevista (Oliveira, 2022) e também já participou de outro evento semelhante (pelo Instagram), com mais quatro convidadas. (Ver: <https://www.instagram.com/tv/CfC7aNqj1j4/?igshid=MDJmNzVkMjY>).

Foram realizadas perguntas-chave de abertura para cada entrevistada e perguntas específicas também, como forma de abrir ao debate. As perguntas versaram, basicamente, sobre a inserção dela na profissão e no jornalismo esportivo, as dificuldades e desafios que percebem ainda hoje e as coberturas de eventos mais marcantes. As entrevistadas se sentiram à vontade para interferir e elaborar questões e comentários entre elas também, o que enriqueceu a dinâmica. As falas do evento foram transcritas com auxílio do próprio YouTube e revisadas depois, com uma escuta atenta, que articula diálogos e documentos a partir dos pressupostos da História Oral Temática (Meihy, 2005; Henriques, [2014?]) e da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), para evidenciar os temas discutidos.

As questões foram distribuídas sempre começando pela jornalista Denise Mirás, depois Ester Lima e Lica de Oliveira, seguindo a ordem alfabética. A partir das discussões que foram realizadas durante o evento destacam-se três temas importantes para síntese, que se articulam com a revisão de literatura: (1) Ingresso na área; (2) Memórias e histórias de coberturas; e (3) Desafios e preconceitos.

Fundamentação teórica

A participação de mulheres no mercado de trabalho e na sociedade tem sido tema de debates mais que oportunos, o que se torna valioso para o entendimento de aspectos sociais subjacentes para as discussões de gênero (Goellner, 2013; Nicholson, 2000) em tempos de profundas transformações das relações humanas cada vez mais virtualizadas (Sodré, 2006), com a midiaticização da sociedade contribuindo para muitas mudanças comportamentais (Hjarvard, 2012), que certamente têm afetado para bem e para mal a profissão de jornalismo como um todo e, especificamente, para o jornalismo esportivo realizado por mulheres.

Entretanto, as articulações entre os campos de estudos sobre mídia, esporte e gênero no Brasil ainda estão em constituição. Em trabalho de mapeamento importante sobre as referências que têm se destacado nesse setor, Vimieiro, Rodrigues Eugênio e Pilar de Souza (2023, p. 217-218) concluem:

Como indicado nos dados apresentados dos 174 artigos publicados entre 2000 e 2020 em periódicos brasileiros sobre gênero e esporte, este subcampo tem como principais arcabouços formativos a Educação e a Educação Física. São nesses campos do conhecimento que as(os) principais pesquisadoras(es) da área fizeram sua formação e onde atuam formando novas gerações de pesquisadoras(es).

Os autores atentam ainda que muitas vezes não é possível identificar quem assina determinada matéria veiculada na mídia, o que dificulta o avanço para o entendimento de quem vem produzindo no jornalismo esportivo, por exemplo.

Martins e Cerqueira (2018) realizaram estudo em Portugal que revela dados de pesquisa que reiteram que a presença de mulheres é rara na hierarquia de empresas dedicadas à prática desportiva, ficando em torno de 16% dos quadros analisados.

Pacheco e Silva (2020) desenvolveram pesquisa sobre a participação da mulher no jornalismo esportivo em Belo Horizonte, Minas Gerais, e elencam situações que são recorrentes nas narrativas das 38 profissionais entrevistadas: a necessidade de deslocamento para outro campo da comunicação, como assessoria de imprensa, ou mesmo outra área, por não conseguirem se firmar no campo do jornalismo esportivo; relações mais tensas em virtude de serem mulheres, mesmo que hoje já não seja tão evidente como foi no passado, ainda é comum convites para encontros amorosos em troca de “informações”, entre outros constrangimentos e, portanto, o controle e a manutenção

da distância corporal são formas de impor respeito. Os autores ainda ponderam de forma conclusiva:

os indícios sobre os problemas relativos à idade, estado civil, assim como a autodeclaração racial e heterossexualidade compulsória, não somente podem ser pensados como um problema estrutural, mas também como limites para a agência individual nesse campo (Pacheco; Silva, 2020).

Assim, nota-se como os estudos atuais são importantes para ressaltar os desafios enfrentados pelas mulheres em relação a sua afirmação como profissionais em diferentes setores, sobretudo, jornalismo esportivo, campo historicamente formado por homens, como nossas entrevistadas acentuam em seus depoimentos.

Resultados e contribuições a partir do evento

O referido evento foi organizado com o apoio do Laboratório de Estudo das Linguagens e expressões da Arquitetura, Urbanismo e Design (LEAUD/CNPq), coordenado pelo supervisor da pesquisa. Foi fundamental a participação de mestrandos e doutorandos na sugestão de ideias, construção do *release* e da arte final de *flyer* para divulgação, como ilustrado a seguir.



Figura 02 – Imagem do *flyer* do evento realizado *online*. Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/p/DKr7PIZutVu/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MTAxZ2tvMGhpeGhvNw. Acesso em: 15 jun. 2025.

A análise das respostas e debates realizados por ocasião do evento podem ser organizadas sobre três frentes de discussão principais, como já afirmado: (1) Ingresso na área; (2) Memórias e histórias de coberturas; e (3) Desafios e preconceitos. Em relação ao primeiro tópico, quando perguntadas como escolheram e ingressaram no jornalismo esportivo, obtivemos respostas e considerações que mostram caminhos bem particulares na trajetória de cada jornalista.

Para Denise Mirás, a oportunidade veio após a realização de um teste para cobrir uma partida de futebol com poucos espectadores e escrever uma matéria: *“Escrevi a matéria, e ele disse: ‘Quero uma mulher que não chore aqui no esporte’. Falei, ‘Tá bom, acho que não choro’. E fiquei. Passei no teste”*.

Ester Lima começou por meio de um estágio no Jornal O Globo: *“Fiz um estágio no Globo. Fiquei lá, acho que quatro meses, na editoria de esporte. Mas aí eu fiquei grávida — tinha acabado de casar — e o meu contrato não foi renovado, obviamente. Naquela época, mulher grávida não podia trabalhar. Então fui para casa”*.

Lica Oliveira, que foi atleta da seleção por muitos anos, começou cursando Educação Física, depois Fonoaudiologia, e só então, mais tarde, cursou jornalismo com mais tranquilidade, pois cursar qualquer faculdade era difícil sendo atleta: *“Tenho até uma história: estava na seleção, viajando com o time, voltei e fui fazer minhas provas. Elas não estavam registradas, porque eu tinha sido reprovada por falta. Falei: ‘Mas eu estava viajando com a seleção brasileira!’ Então ainda tem esses atravessamentos, sabe?”*

Cabe notar que, a inserção da mulher no campo do jornalismo esportivo enfrenta preconceitos que estão na base da organização da atividade, pois, como sinalizam Martins e Cerqueira (2028, p. 5-6), parece haver um consenso de que a influência de homens na função pressupõe também que os valores masculinos determinem a própria produção profissional, seletivamente. Portanto, como afirmaram as jornalistas entrevistadas, muitos embates foram travados nesse sentido, e a questão ainda permeia de forma sutil a atividade.

Em relação ao segundo tópico, sobre memórias que destacavam como importantes em coberturas realizadas, as respostas articularam as diferenças no exercício da profissão, dada a larga experiência também de Denise Mirás e Ester Lima. Ester Lima afirmou: *“Hoje em dia, não tem mais muito repórter garimpando notícia. O repórter fica*

na redação esperando o release chegar. E o que chega ali é o que vale. Aliás, com o advento das redes sociais, elas passaram a pautar a gente”.

Lica Oliveira também comentou que negar a participação da mulher nesse campo hoje soa estranho: *“Porque, estatisticamente, em 2021 ou 2023 — eu estava vendo — as mulheres são, acho, 58% na função de jornalista, 58% de mulheres, né? Então, assim, o olhar do jornalismo hoje é feminino, porque a maioria, né, é de mulheres nessa função, entendeu?”*

Em relação às redes sociais, como já apontou Hjarvard (2012, p. 74), “como os meios de Comunicação – e em particular, os digitais – tornaram-se integrados às rotinas de outras instituições, os usuários também se tornaram produtores de conteúdo”. Essa afirmação que parece ter se expandido nos últimos tempos. Como afirmaram as entrevistadas, caberá ao profissional saber valorizar seu trabalho jornalístico em meio à profusão de notícias que circulam.

Por fim, em relação ao último tópico, sobre desafios e preconceitos vivenciados, as respostas também foram contundentes, indo de aspectos relacionados a barreiras enfrentadas por serem mulheres, como relatou Ester Lima, que enfrentou a implicância de alguns chefes e, também, no caso de Lica Oliveira, ser mulher e negra: *“Tem também a questão do racismo estrutural no país. As barreiras que enfrento são duplas: como mulher e como mulher negra. Mas vejo uma evolução quando percebo as meninas chegando, chegando na estética negra, com seus cabelos black, suas tranças. São muitas conquistas ainda, mas vejo progresso e fico bastante feliz”.*

As entrevistadas também ponderaram que o campo de trabalho para jornalistas mulheres no esporte é e sempre foi um desafio, sobretudo, quando se trata de alcançar cargos mais altos na hierarquia profissional.

Pacheco e Silva (2020, p. 6) destacam que a ascensão na carreira e ocupar cargos de chefia são desafios adicionais, pois há, o que se costuma referir, como a presença de muitos “tetos de vidro”, que limitam e mesmo determinam quais lugares são mais indicados para o trânsito profissional. Às vezes, de forma agressiva e contundente. Ou seja, violências que muitas vezes são tratadas “eufemisticamente” e que têm de ser discutidas com clareza no e pelo campo profissional.

Portanto, é importante sublinhar que a experiência profissional de jornalistas que atuam na área há mais de três décadas é bastante relevante para compreender a transição que o jornalismo esportivo realizado por mulheres vem passando. A relação entre o papel

da mulher como profissional de Comunicação e como atleta, nesse sentido, guarda semelhanças nos desafios e barreiras enfrentados, o que também é bastante sintomático para ponderar que há aí uma questão de gênero a ser continuamente discutida.

A seguir, ilustração do evento realizado.



Figura 02 – Imagem do evento realizado *online* com as três entrevistadas: Professor Frederico Braida, supervisor da pesquisa em destaque e, a seguir, do alto à esquerda para baixo, as jornalistas convidadas Ester Lima, Denise Mirás, Lica Oliveira e o entrevistador Marcelo Tavares. Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/live/QeJMsKiTnLc>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Considerações finais

Analisar a participação da mulher no jornalismo esportivo é sempre levar e conta os desafios que são impostos pelo simples fato de serem mulheres em um campo, como o do esporte, que (ainda) parece consagrado aos homens. A revisão de literatura aponta isso e as falas das entrevistadas reiteram os desafios que ainda enfrentam hoje, mas também consideram que “os tempos são outros”, e a mulher vem se afirmando não só no jornalismo esportivo como em outros setores profissionais da sociedade.

O evento organizado que está disponível *online*, como já referenciado, é um convite para conhecer mais profundamente o universo que as três jornalistas convidadas no apresentam, seja pela riqueza da experiência de Denise Mirás e Ester Lima, que acompanharam a trajetória de Lica Oliveira na época de atleta, seja pela notória experiência no esporte que levou tanta Lica de Oliveira, como Ester Lima, a passarem de atletas da seleção de voleibol para a profissão de jornalistas.

Entre tantos entrecruzamentos e desafios para se formarem e se estabelecerem no jornalismo esportivo fica o registro de que hoje, com a midiatização e o crescimento das redes sociais, atuar no jornalismo esportivo impõe novas habilidades, mas que o registro humanizado do atleta e da notícia continuam como base para a atuação ética e responsável, como fizeram questão de afirmar no fim do evento.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

COELHO, P. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

GOELLNER, S. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo**, v. 19, p. 45-52, 2013.

HENRIQUES, R. **Metodologia de História Oral**. A experiência do Museu da Pessoa. Apostila [2014?].

HJARVARD, S. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, ano 5, n. 2, p. 53-91, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1430/143023787004.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2023.

MARTINS, C.; CERQUEIRA, C. As jornalistas de desporto em Portugal: minoritárias e com pouco poder. **Estudos em Comunicação**. Braga, v. 1, n. 26, p. 1-17, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/325634534>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MEIHY, J. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, p. 09-41, 2000.

OLIVEIRA, L. **Lica Oliveira**: depoimento [jun. 2022]. Entrevistador: Marcelo Ribeiro Tavares. Entrevista por áudio concedida à pesquisa do Projeto aprovado na Plataforma Brasil sob o nº 4.995.260, Universidade Federal de Juiz de Fora.

PACHECO, L.; SILVA, S. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, p. 1-14. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/YWnfSyZZcTZCbZs3bkvZSPQ/>. Acesso em: 13 maio 2025.

ROMARIZ, S. **Mulheres e homens no voleibol de rendimento**: práticas e representações. 2010, 114f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

SIMÕES, A. (Org.). **Mulher e esporte**: mitos e verdades. São Paulo: Manole, 2003.

SODRÉ, M. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, D. (Org.). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 19-31.

TAVARES, M.; BRAIDA, F. Uniformes do voleibol feminino brasileiro: com a palavra, as atletas dos Jogos Olímpicos (1980-2012). **Modapalavra e-periódico**, 2024a. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/24174/17347>. Acesso em: 11 fev. 2025.

TAVARES, M.; BRAIDA, F. A midiaticização no voleibol feminino e a visibilidade da mulher atleta. **ARTEFACTUM: Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia**, [S. l.], v. 23, n. 1, 2024b. DOI: 10.23900/artefactum.v23i1.2285. Disponível em: <https://www.artefactumjournal.com/index.php/artefactum/article/view/2285>. Acesso em: 16 fev. 2025.

TAVARES, M.; DE PAULA, F. Mulheres na rede: uniformes esportivos femininos em discussão. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, [S. l.], v. 21, n. 8, p. 8301–8312, 2023. DOI: 10.55905/oelv21n8-028. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/1095>. Acesso em: 6 jan. 2024.

TAVARES, M.; MOURÃO, L. **Mulheres em manchete**: a potência da geração de voleibol dos anos 1980. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2024. Disponível em: <https://www.letracapital.com.br/produto/mulheres-em-manchete/>. Acesso em: 29 mar. 2025.

TAVARES, M.; PEREIRA, E. **China Atrás**: conversas com Ana Richa, Lica Oliveira e Sandra Lima. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019. Disponível em: <https://letracapital.com.br/produto/china-atras-conversas-com-ana-richa-lica-oliveira-e-sandra-lima/>. Acesso em: 29 mar. 2025.

VIMIEIRO, A., RODRIGUES EUGÊNIO, F.; PILAR DE SOUZA, O. A produção acadêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020): reflexões a partir da Comunicação. **Revista Eco-Pós**, v. 26, n. 3, p. 196–222, 2023. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28002. Acesso em: 10 jun. 2025.